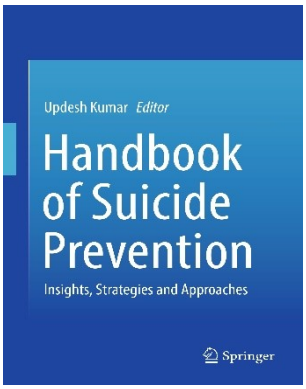
REVISTA SAÚDE.COM
ISSN 1809-0761
Vol 22, Nº 2, 2026, 148-155
DOI: 10.22481/rsc.v22i2.18681
Resenha | Review

Sofrimento psíquico, cultura e biologia no estudo da morte voluntária: subsídios para a qualificação de profissionais da saúde e para o desenvolvimento de programas de prevenção ao suicídio

Fábio Luiz Nunes[1]
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais — CEFET-MG – Brasil.
*Autor de correspondência: fabio.nunes.fln@cefetmg.br

Resenha de: Kumar U, editor. Handbook of suicide prevention: insights, strategies and approaches. Singapore: Springer; 2025. 559 p. ISBN 978-981-96-1402-8.



Problema sociossanitário severo e de abrangência mundial, o suicídio é responsável por ocasionar a interrupção de aproximadamente 727 mil vidas todos os anos, o que representa cerca de um óbito a cada 43 segundos[1]. Esse fenômeno é a terceira causa principal de mortalidade na população jovem, de 15 a 29 anos, atingindo de maneira desproporcional os países de baixa e média renda, onde ocorrem 73% desses eventos[1]. No território brasileiro, a vigilância epidemiológica comprova o preocupante crescimento das taxas de autoextermínio, com um incremento de 42% na mortalidade entre os anos de 2010 e 2021, saltando de 5,2 para 7,5 mortes por 100 mil habitantes[2]. Mesmo que o país ocupe uma posição intermediária no ranking global, a aceleração das ocorrências a partir de 2014, com média de alta anual de 3,2%, estabelece o tema como pauta de preocupação imediata para as políticas de saúde coletiva no Brasil[2].

SUBMETIDO: 30 de janeiro de 2026 | **ACEITO:** 21 de julho de 2026 | **PUBLICADO:** 06 de agosto de 2026
© REVISTA SAÚDE.COM 2026. Este artigo é distribuído sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Em virtude da relevância do tópico, a editora Springer publicou em 2025 a obra Handbook of suicide prevention: insights, strategies and approaches[3], coletânea de trabalhos que organiza o conhecimento científico sobre a prevenção do autoextermínio em três seções estruturais: entendimento da natureza do fenômeno, análise por meio de perspectivas interseccionais e investigação de intervenções emergentes. A obra, que no presente momento não dispõe de tradução para a língua portuguesa, tem como organizador Updesh Kumar, cientista de nacionalidade indiana com formação doutoral em comportamento suicida pela Punjab University, em Chandigarh. Kumar acumulou grande experiência profissional como cientista e chefe das divisões de saúde mental, acompanhamento e coordenação técnica no Defence Institute of Psychological Research (DIPR), órgão da Defence Research and Development Organisation (DRDO) do Ministério da Defesa da Índia. O percurso profissional do organizador inclui uma atuação como assessor psicológico em juntas de seleção das Forças Armadas e a coordenação de megaprojetos sobre resiliência psicossocial e construção de sistemas de aptidão para militares. Suas investigações principais abordam a psicologia militar, a avaliação de personalidade, o terrorismo suicida e a aplicação da psicologia positiva no ambiente laboral e na saúde, tendo recebido honrarias como o prêmio de Cientista do Ano pelo governo indiano e o Life Time Achievement Award por sua contribuição acadêmica.

Chamada "Understanding the anatomy of suicide", a seção inaugural do livro promove suas fundações teóricas e históricas, revisitando as tipologias sociológicas de Durkheim sobre o suicídio para chegar aos paradigmas evolutivos que buscam conciliar o paradoxo da autodestruição com a seleção natural. Os autores desses capítulos discutem, dentre vários aspectos, a transição do estatuto do suicídio de transgressão moral ou criminal para uma manifestação de sofrimento psíquico, uma mudança paradigmática que permitiu a cientifização do campo e a inclusão de variáveis como o crescimento pós-traumático (transformação psicológica positiva experienciada após a luta contra estressores significativos). O leitor poderá notar que essa evolução histórica dialoga com a

crítica epistemológica de que a suicidologia, enquanto prática social, teria validado certas formas de conhecimento em detrimento de narrativas subjetivas, mantendo compromissos morais implícitos sob uma fachada de neutralidade técnica[4].

No âmbito dos modelos psicológicos, a parte um do livro comenta construções contemporâneas como a teoria interpessoal do suicídio e a vulnerabilidade fluida, diferenciando a ideação passiva da capacidade volitiva para o ato letal. Essa distinção corrobora a premissa de que o desejo de morte e a capacidade de executá-lo possuem trajetórias causais distintas, o que exige a adoção de alicerces teóricos capazes de explicar a progressão da ideação para a tentativa[5]. Congregam-se, assim, determinantes motivacionais e volitivos, rejeitando a patologização isolada em benefício de uma compreensão sistêmica que reconhece a letalidade como o resultado de uma convergência de fatores de risco díspares e cumulativos, sem negligenciar a influência de estressores ambientais e contextos de radicalização, como o terrorismo suicida.

Os capítulos finais dessa primeira unidade avaliam os substratos neurobiológicos, o que inclui a desregulação serotoninérgica, e os instrumentos metodológicos da disciplina, descrevendo escalas psicométricas para detecção de risco e a liderança simbólica em grupos extremistas. A heterogeneidade do fenômeno, aliás, sublinha a necessidade premente de rigor no sistema de categorização, visto que a ambiguidade na definição de termos como ideação suicida ou tentativa de suicídio pode comprometer a validade interna de investigações aplicadas e a comparabilidade de dados epidemiológicos[6].

Já a parte dois, "Understanding suicide through intersectional lens", começa pela investigação da suicidabilidade na adolescência sob um prisma evolutivo e epigenético, entendendo que mecanismos biológicos ancestrais interagem com estressores modernos para modular o risco. Outros trabalhos dedicam-se a esclarecer a correlação entre abuso sexual infantil e comportamento suicida, identificando fatores de proteção e risco que medeiam essa trajetória, além de darem voz às vivências subjetivas de indivíduos com histórico de tentativas, validando, portanto, narrativas pessoais. Essa valorização da subjetividade e da interação gene-ambiente relaciona-se com as evidências de que o risco suicida

resulta de uma complexa dinâmica multifatorial, na qual predisposições biológicas interagem com eventos adversos ao longo do desenvolvimento; para Tureck et. al. (2019)[7], isso confronta determinismos simplistas sobre o fenômeno. Por conta disso, as discussões da segunda parte integram-se à crítica sobre a insuficiência de modelos puramente quantitativos, o que sugere que a significação do ato suicida varia conforme o tecido cultural[8].

Avança-se, então, para a análise de populações em contextos de alto risco ocupacional e institucional, em que se estudam, por exemplo, as vulnerabilidades de militares da ativa, que demandam estratégias de resiliência específicas, e de profissionais de emergência, expostos a trauma vicário e a estresse crônico. Um dos textos também escrutina o comportamento suicida na população carcerária, um grupo frequentemente negligenciado que enfrenta privação de liberdade e isolamento. A discussão sobre essas vulnerabilidades situacionais indica, para o leitor, a necessidade de reconhecer determinantes sociais que variam globalmente, sobretudo ao considerar a escassez de dados robustos em países de baixa e média renda, nos quais as taxas de suicídio entre grupos marginalizados apresentam padrões distintos dos observados em nações ricas[9].

A unidade dois encerra-se com o exame de grupos demográficos e clínicos específicos, comparando o suicídio em idosos na Índia e em contextos internacionais e investigando a associação entre risco suicida e demência. Os autores também analisam a comorbidade com o abuso de substâncias, reforçando a correlação entre impulsividade e letalidade, e concluem com uma revisão aprofundada da epigenética, com a qual apontam que a expressão gênica pode ser alterada por fatores ambientais. Essa integração de fatores biológicos, psicológicos e sociais ilustra a heterogeneidade da etiologia do suicídio, reiterando que a prevenção eficaz é altamente dependente da identificação precisa desses marcadores de risco em diferentes extratos populacionais e da compreensão de como eles operam em conjunto[7].

"Emerging approaches and novel interventions" é o título dado à terceira e última parte do livro. Ela compila investigações sobre táticas terapêuticas e preventivas contemporâneas, começando por uma discussão sobre o suporte pós-alta hospitalar. Os autores desse texto identificam tal período como uma janela

temporal de vulnerabilidade exacerbada devido à descontinuidade do cuidado e ao isolamento social, o que corrobora os dados sobre a recorrência de comportamentos suicidas e a complexidade dos fatores de risco clínicos mencionados por diferentes estudiosos, a exemplo de Turecki et al. (2019)[7]. Na mesma vertente clínica, outro capítulo da parte três descreve a neuromodulação (incluindo a estimulação magnética transcraniana e a estimulação cerebral profunda) como alternativa para pacientes refratários aos tratamentos convencionais. Há ainda um capítulo que apresenta uma revisão crítica sobre os modelos atuais de predição de suicídio, questionando a utilidade clínica de categorizações de alto risco sem evidências robustas, ponto que faz diálogo com a necessidade de marcadores biológicos e clínicos mais precisos[7].

No âmbito de estratégias comunitárias e educacionais, detalha-se o treinamento de gatekeepers. Trata-se de um termo utilizado para se referir a membros da comunidade (como professores, policiais ou líderes religiosos) treinados para identificar sinais de alerta de suicídio e encaminhar indivíduos em risco para ajuda profissional especializada, ampliando a rede de detecção para além do ambiente clínico. Há também um capítulo que se concentra especificamente na demografia pré-adolescente (10 a 14 anos), no qual se propõe o rastreamento universal em escolas e a implementação de currículos de aprendizagem socioemocional. Tais práticas em ambientes educacionais encontram paralelo teórico em pesquisas10 que apontam a escola como local primário para identificação de jovens em risco e triagem, embora alertem sobre a cautela necessária na implementação curricular para evitar efeitos de contágio ou imitação. A integração de pares e familiares como fatores de proteção constitui um ponto central nessas propostas preventivas voltadas para a juventude.

Introduzem-se intervenções não convencionais e análises contextuais específicas nos capítulos finais dessa seção. Um dos textos descreve a "reel therapy" (cineterapia), utilizando filmes para facilitar a catarse e a reestruturação cognitiva de pacientes com elevada suicidabilidade, enquanto outro capítulo busca estudar a psicologia e a suicidologia positivas, abordagens que enfatizam a gratidão e a resiliência, como maneiras de mitigar a ideação suicida. Outro trabalho apresentado trata da crise de suicídio entre agricultores indianos,

propondo medidas estruturais, tecnológicas e psicológicas para esse grupo vulnerável. No entanto, o leitor deve estar atento para verificar que essas táticas específicas devem ser observadas sob o crivo de rigorosidade de eficácia proposto por suicidólogos, como Zalsman et al. (2016)[11], os quais indicam que, mesmo que novas estratégias sejam necessárias, muitas carecem de ensaios randomizados controlados para validar sua efetividade comparada a métodos já consagrados, a exemplo da restrição de meios letais e da psicoeducação de médicos generalistas.

Como o leitor felizmente poderá atestar, o manual organizado por Kumar apresenta uma estruturação lógica que atravessa dos fundamentos teóricos às aplicações clínicas e preventivas. A obra analisa modelos contemporâneos do funcionamento do comportamento suicida, a exemplo da estrutura de transição da ideação para a ação[5]. A articulação entre os capítulos, a propósito, permite a compreensão da influência mútua entre determinantes biológicos, genéticos e ambientais na gênese do comportamento autodestrutivo[7]. A estrutura da edição garante a coesão das informações, de modo que os autores participantes conseguem realizar um mosaico aprofundado sobre as intervenções terapêuticas em populações específicas. O fato é que, mesmo que o rigor técnico possa exigir uma leitura atenta, a sistematização dos dados facilita a consulta rápida e a aplicação de métodos de redução de risco em cenários diversos.

Certas lacunas relativas à especificidade das funções executivas e do controle cognitivo na distinção entre indivíduos ideadores e tentadores poderiam ter recebido maior pormenorização, como preconizam Brokke, Landrø e Haaland (2020)[12]. No entanto, tal observação não reduz a relevância do manual, já que ele privilegia a integração de métodos práticos e políticas de saúde coletiva. O texto auxilia na qualificação de profissionais da saúde, gestores governamentais e acadêmicos interessados na fenomenologia do suicídio. Afinal, o livro consolida parâmetros científicos sólidos para o desenvolvimento de protocolos de segurança e suporte psicossocial.

Referências

1. World Health Organization. World health statistics 2024: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2024 [citado em 2024 Jun 22]. Disponível em: https://www.who.int/data/gho/publications/world-health-statistics

2. Brasil. Ministério da Saúde Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021. Boletim Epidemiológico [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2024 [citado em 2024 Abr 29];55(4). Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf

3. Kumar U, editor. Handbook of suicide prevention: insights, strategies and approaches. Singapore: Springer; 2025. 559 p. ISBN 978-981-96-1402-8.

4. Fitzpatrick SJ, Hooker C, Kerridge I. Suicidology as a social practice. Soc Epistemol. 2015;29(3):303-22. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/02691728.2014.895448

5. Klonsky ED, May AM, Saffer BY. Suicide, suicide attempts, and suicidal ideation. Annu Rev Clin Psychol. 2016;12:307-30. Disponível em: https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-021815-093204

6. Rangel Villafaña JN, Jurado Cárdenas S. Definición de suicidio y de los pensamientos y conductas relacionadas con el mismo: una revisión. Psicol Salud. 2022;32(1):39-48. Disponível em: https://doi.org/10.25009/pys.v32i1.2709

7. Turecki G, Brent DA, Gunnell D, O'Connor RC, Oquendo MA, Pirkis J, et al. Suicide and suicide risk. Nat Rev Dis Primers. 2019;5(1):74.

8. Hjelmeland H. Cultural Research in Suicidology: Challenges and Opportunities. Suicidology Online. 2010;1:34-52.

9. Lovero KL, Dos Santos PF, Come AX, Wainberg ML, Oquendo MA. Suicide in Global Mental Health. Curr Psychiatry Rep. 2023;25(7):255-62. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37178317/

10. Gould MS, Kramer RA. Youth suicide prevention. Suicide Life Threat Behav [Internet]. 2001 [citado 2026 jan. 30];31(Suppl):6-31.

11. Zalsman G, Hawton K, Wasserman D, van Heeringen K, Arensman E, Sarchiapone M, et al. Suicide prevention strategies revisited: 10-year systematic review. Lancet Psychiatry [Internet]. 2016 [citado 2026 jan. 30];3(7):646-59. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27289303/

12. Brokke SS, Landro NI, Haaland VO. Cognitive Control in Suicide Ideators and Suicide Attempters. Front Psychol. 2020;11:595673. doi: 10.3389/fpsyg.2020.595673. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.595673